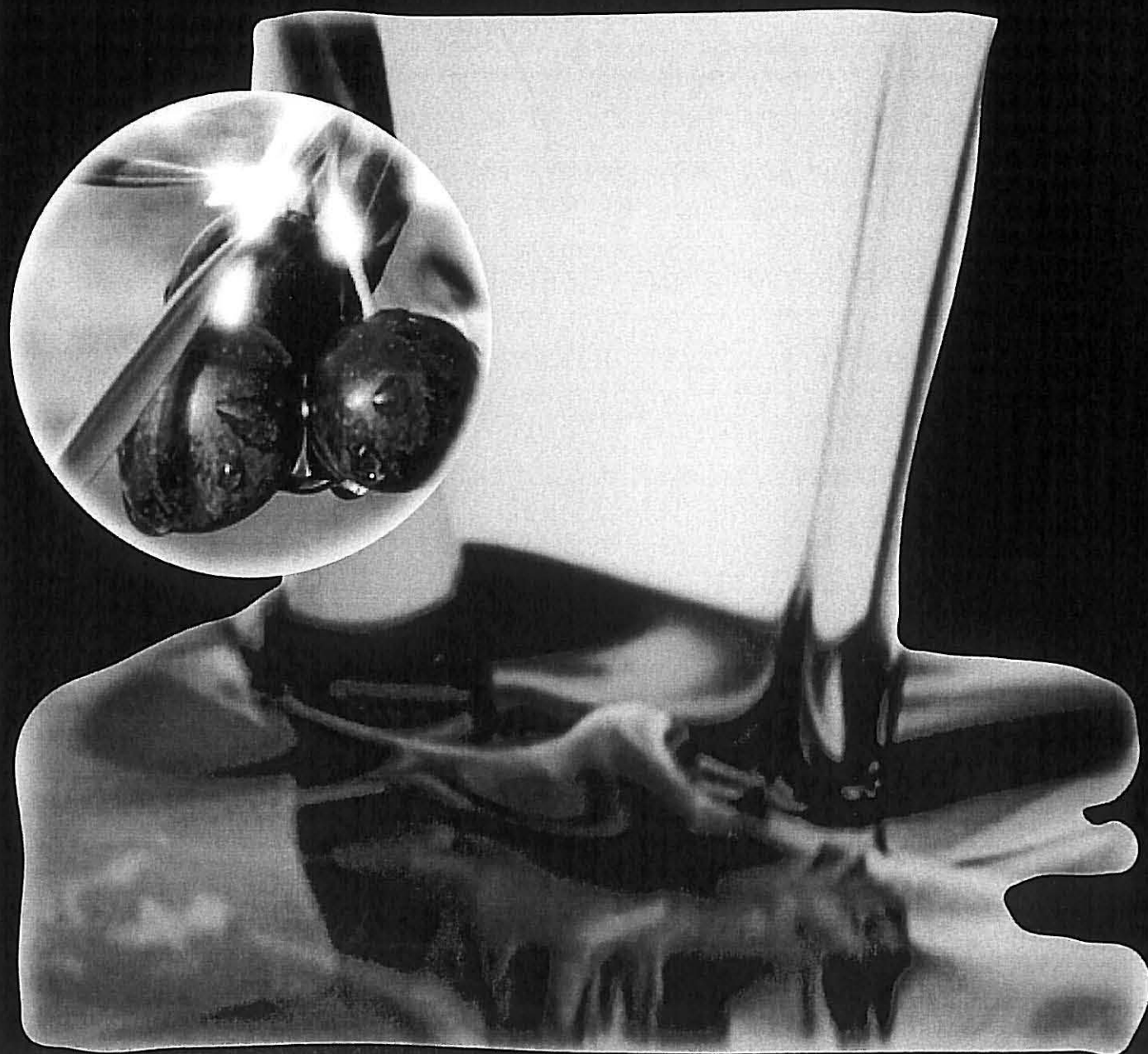


Jornadas Temáticas

Da Oliveira ao Azeite - Novos Desafios -

Auditório das Ciências Agrárias da UTAD - Vila Real

12 de Outubro 2011



A safra e contra-safra do olival e a sua relação com a técnica cultural

M. Ângelo Rodrigues

*Centro de Investigação de Montanha; ESA - Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Sta Apolónia, ap. 1172, 5301-855 Bragança. E-mail: angelor@ipb.pt*

A alternância impõe grandes dificuldades à olivicultura tradicional de sequeiro. Os custos de produção entre anos agrícolas são mais ou menos constantes, sendo os anos pouco produtivos fortemente desmotivadores para a continuação da actividade. A alternância parece estar associada aos hábitos de frutificação da oliveira, não sendo conhecidos métodos que individualmente permitam ultrapassar o problema.

A alternância tem sido atribuída ao facto de as etapas fisiológicas associadas à floração e desenvolvimento dos frutos de duas colheitas consecutivas se sobreporem no tempo, competindo entre si pelos recursos disponíveis. A indução da floração para o ano seguinte ocorre, supostamente, a partir de Julho, coincidindo e sendo inibida pelo crescimento activo dos frutos da estação de crescimento em curso. Contudo, a indução da floração poderá não ser uma etapa chave na alternância, estando esta mais dependente do tamanho dos novos ramos (quantidade de flores), qualidade das flores e persistência dos frutos.

O olival apresenta habitualmente floração abundante. Em condições normais bastaria que 1 a 2% das flores vingassem e os frutos persistissem até à colheita para se obter uma boa produção. Contudo, uma parte significativa dessas flores são flores estaminadas (desenvolvimento anormal do pistilo), ocorrendo a sua queda no momento da floração. Acresce que 2 a 3 semanas após a floração ocorre também queda massiva de pequenos frutos que competem entre si pelos fotoassimilados. Assim, a disponibilidade de fotoassimilados é determinante no desenvolvimento de flores perfeitas e na persistência dos frutos.

Num ciclo bienal típico, a elevada floração e carga de frutos num dado ano não permite um normal desenvolvimento vegetativo, porque flores e frutos são *sink* prioritários para os recursos. Num ano de safra, os ramos que se estão a formar ficam muito curtos com um reduzido número de folhas. O comprimento dos ramos e o número de folhas representam as reservas da planta, condicionando a quantidade de flores, a sua qualidade e a persistência dos frutos. No ano seguinte, a reduzida floração e a ausência de frutos permitem maior desenvolvimento vegetativo e acumulação de reservas. Assim, a seguir a um ano de safra segue-se uma má colheita e vice-versa.

Resumidamente, o problema da alternância deve ser focalizado na capacidade da planta em obter fotoassimilados. Na região mediterrânica, a estação de crescimento do olival de sequeiro é muito curta, sendo limitada pela falta de precipitação e elevadas temperaturas estivais e pelas baixas temperaturas de inverno. A técnica cultural pode apenas mitigar o problema da alternância mantendo as árvores em boas condições de crescimento. Em olival de sequeiro, aspectos como a manutenção do solo, a fertilização e a poda não resolvem em definitivo o problema da alternância mas podem atenuá-lo.

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PTDC/AGR-AAM/098326/2008.